

No entre-lugar, o capitalismo realmente existente

Apresentação

1

Contra vento e maré, seguimos em frente e esta vem a ser a vigésima edição da revista *Landa* em seu décimo ano de existência ininterrupta, o que devemos celebrar, com um especial agradecimento a sua fundadora, a crítica e pesquisadora Liliana Reales.

Na abertura deste número, quatro textos respondem de diferentes formas à chamada “No entre-lugar, o capitalismo realmente existente”, cujos termos retomamos sinteticamente aqui. Elaborada a partir da distinção entre as literaturas primeiro e terceiro-mundistas proposta por Fredric Jameson, a proposição-provocação da chamada remete, em contraste, a Silvia Rivera Cusicanqui e a José Carlos Mariátegui para evidenciar a imensa heterogeneidade que cabe no que este chama de “terceiro mundo”, partilhando entretanto a ideia de um privilégio materialista dos dominados e a tendência de um pensamento, situado ao sul da geopolítica do

conhecimento, que se posiciona não somente em prol do reconhecimento mas também *no agir e escrever contra* as condições existentes.

Na sua quarta fase, o capitalismo se apresenta do mesmo modo que esses enormes prédios de fachadas espelhadas que se tornaram o estilo arquitetônico preferencial das instituições financeiras: sem profundidade, dá ao usuário aquilo que o usuário demanda, em forma de imagem. O imperialismo cultural nos devolve o que sobre ele projetamos, nos levando a uma crítica da sociedade disciplinar que acabou dando insumos à sociedade de controle; a um abstrato anti-estatalismo que confluiu com os interesses neoliberais; a um abandono da hipótese socialista que deplorou o “socialismo realmente existente” sem combater o *capitalismo realmente existente*; a uma crítica do conhecimento que inclusive na sua inflexão biopolítica pode estar hoje tendendo aos mais abstrusos negacionismos; a uma crítica do antropoceno que acalenta o discurso de um capitalismo protecionista do meio ambiente. Hoje, quando as condições impostas pela pandemia se somam à *tabula rasa* neoliberal, sabemos que não há sobrevivência sem política, que não há saúde sem cuidado, que o capital privado não existe para nos cuidar, que o estado – entendido como um espaço poroso, heterogêneo e contingente – é um dispositivo do qual devemos nos reapropriar.

Podemos, portanto, afirmar que estamos em situação de *double bind*, capturados entre imperativos conflitantes que não podemos nem ignorar nem simplesmente satisfazer. Habitando a contradição, a contemporaneidade regional, pelo lado *micro*, nos empurra à derrota de nos pensarmos apenas como sobreviventes, ou *reexistentes*, sem possibilidades de luta; por outro, pelo lado *macro*, nos leva à criação de grandes mapas que, coincidindo em magnitude com o mapa do império, também tendem a mimetizar sua ruína.

Entre a cartografia cognitiva e a alienação subjetivista, haverá uma alternativa para o *entre-lugar*? Existirá essa alternativa agora que nos perguntamos se combatendo entre nós o fantasma do outro, não teremos deixado de ouvir os nossos próprios espectros? Não teremos nos resignado a esse cinismo das democracias formais? América Latina não terá sido tomada por isso que Mark Fisher denominava *realismo capitalista*? O entre-

lugar, não terá se tornado um lugar confortável? Há literaturas e artes que tenham elaborado e confrontado o *capitalismo realmente existente*? De que maneiras isso aconteceu e acontece?

A partir dessas perguntas, tão complexas quanto necessárias no intenso *agora*, a revista recebeu raras e valiosas colaborações que abordam, cada uma a seu modo, essa passagem entre realismo e real.

Em “Imaginarios tecnológicos en el cine de ciencia ficción de Alex Garland”, Belisario Zalazar percorre a cinematografia do diretor britânico e a lê a partir dos debates contemporâneos sobre trans e pós-humanismo. Dado que esses debates também interessam à nossa imaginação sobre os futuros por vir, incluímos este trabalho sobre objetos de *lá* que, entretanto, se abordam a partir *daqui*.

Gabriel Fernandes de Miranda e Vinícius Ximenes, em “Josefina materialista, Josephine Iron”, continuam essa trilha futurista através da proposição de uma desleitura do sublime pós-moderno em Josefina Ludmer. Para isso, os autores perscrutam algumas ressonâncias do pensamento materialista de Ludmer no extraordinário *Las aventuras de la China Iron* (2017), de Gabriela Cabezón Cámara, singularmente naquilo que permite relacionar a geopolítica neoliberal da língua considerada em *Aquí América Latina* (2010) aos usos da voz e do corpo do clássico *El género gauchesco: Un tratado sobre la patria* (1988).

O artigo de Luiza de Aguiar Borges pensa o Real do capitalismo no lugar da ruína e em oposição ao que a autora denomina “uma utopia da reconstrução”. Para tal fim, Borges se apropria dos conceitos de *unworlding* e de *pensamento vegetal*, devidos a Jack Halberstam e a Evando Nascimento, respectivamente, e propõe uma *epistemologia da metamorfose*.

Encerrando a seção aberta deste número, Maryllu de Oliveira Caixeta pensa “As estranhas travessias das estórias recriando a força estética da vida”, título do artigo, em que se argumenta em prol de um *plus* com que as estórias de Guimarães Rosa, para além da literatura, emulariam um sentido cósmico, cosmológico e cosmogônico. Focada na zona do não ser, a escritura transmoderna de Rosa serve neste artigo como uma subsunção que permite trânsitos entre a teoria pós-moderna da linguagem (a partir de uma

discussão do seminário *Encore* de Lacan), e seu suposto contrário absoluto, o materialismo de esquerda.

Esta edição comemorativa de uma década de *Landas* inclui também um dossiê especial particularmente pertinente para o atual momento político, o qual, além do mais, conversa diretamente com os textos da chamada sobre o capitalismo realmente existente. Intitulado “Ordens e saberes territoriais” e organizado pelos pesquisadores Javier Uriarte (Stony Brook University, EUA) e Gabriel Rudas (Pontificia Universidad Javeriana, Colômbia), o dossiê se debruça sobre as territorialidades latino-americanas a partir de uma variada gama de perspectivas que discutem criticamente a convergência entre o pós-humanismo e o pós-antropocentrismo, isto é, a confluência de duas correntes de pensamento contemporâneas que põem em dúvida os próprios pilares do humanismo e do projeto da ilustração.

No primeiro dos dez ensaios, Hugo Achugar explora as diferentes utopias imaginadas no Ocidente, a que chama de “utopias agrárias”, relacionando vivências pessoais e a problemática da exclusão – quando o fantasma da posse contra a propriedade volta a acossar o agronegócio e a ocupar as políticas públicas de governos populares que afrontam os “supersalvadores de direita” contemporâneos.

Deslocando a relação literatura, território e natureza, escutemos, no entanto e interessadamente, a apresentação deste conjunto de ensaios por seus próprios autores-organizadores: “Se pode dizer que o tema deste dossiê tem a ver com explorar os sentidos profundos da própria palavra que dá nome a esta revista”: *Landa* – vista como: extensão de terra arenosa com vegetação selvagem; grande extensão de planície de plantas silvestres; terra não parcelada, não cultivada; certa *wilderness*: “De algum modo, a *landa* é o ponto de partida das reflexões sobre como territorializar, possuir, organizar, e como resistir a essas lógicas, reimaginá-las ou rearticulá-las. Este dossiê se dedica então a pensar nas formas em que se procurou entender e transformar o território [...] na produção cultural latino-americana dos dois últimos séculos, das independências até o presente”.

No segundo ensaio do dossiê, o pesquisador e geógrafo Gustavo Prieto propõe uma reflexão sobre as ontologias ameríndias em confronto com o que chama de mitologias capitalistas, entre bichos de Guimarães

Rosa e xamãs de Davi Kopenawa, tendo em vista a perspectiva de que “várias narrativas escatológicas indígenas são constitutivas da contra-história da reprodução do capitalismo”.

Em seguida, o ensaio de Gisela Heffes estuda três documentários latino-americanos que mostram as formas de resistência e ativismo diante do impulso extrativista em várias regiões da América Latina por diferentes coletivos sociais indígenas.

Logo depois, Javier Uriarte busca em *Inferno verde* (1908) e *Sombras n'água* (1913) de Alberto Rangel – este pouco conhecido interlocutor de Euclides da Cunha –, uma representação das dificuldades para “domesticar” o deserto da selva amazônica no início do século XX, com especial atenção aos *caboclos* nativos da Amazônia que, através de uma economia de subsistência, enfrentaram a lógica do capital global.

Já, para Ximena Briceño, autora do ensaio seguinte, dedicado a Gabriela Mistral e seu livro póstumo *Poema de Chile* (1967), há neste poema uma aliança entre criaturas a partir da qual a poeta chilena desconstrói a imagem de território da nação para entendê-la de uma perspectiva pastoral, também desconstruída, que permite vislumbrar uma noção não patriarcal entre natureza e cultura.

Victoria Saramago, por sua vez, estuda os modos nos quais o *Grande Sertão: Veredas* (1956), de João Guimarães Rosa, marcou a configuração de uma cartografia ambiental do *sertão* de Minas Gerais, implicando em contraditórios efeitos econômicos e culturais.

Os ensaios seguintes, de Sebastián Figueroa e Gabriel Rudas, dedicados à violência das economias extrativistas contemporâneas na América Latina, partem da análise da obra de dois escritores contemporâneos, o colombiano Juan Cárdenas e o chileno Patricio Jara, respectivamente, ambos a partir de uma mirada geológica.

O nono ensaio do dossiê, de autoria de Juan Duchesne Winter, explora os modos em que a literatura constrói relações com as territorialidades selvagens em sua leitura do escritor guianês Wilson Harris (1921-2018), para uma noção ampliada de humanidade, à maneira do perspectivismo ameríndio. “Isto permite ler a história e o presente colonial

da Guiana e sua constante negação da selva”, lemos na introdução ao dossiê especial.

Finalizando esta compilação crítica das ordens e saberes territoriais latino-americanos, Mary Louise Pratt resgata e reconfigura uma tradição de luta e escrita através da escritora Clorinda Matto de Turner (1852-1909) e da revolucionária indígena Michaela Bastidas (1744-1781), ambas peruanas. Em seu texto, “os saberes destas intelectuais são também novos saberes territoriais, novas formas de organizar e percorrer territorialidades”, nas quais é central a relação entre pensamento e trabalho intelectual femininos com constelações e territorialidades outras, resistentes.

6 Caracterizada sempre pela diversidade de miradas críticas, a seção Olhares se abre nesta edição com a aula magna do pensador argentino-mexicano Enrique Dussel, ministrada na abertura do primeiro semestre do Programa de Pós-Graduação em Literatura da UFSC, em abril último, cujo título fala por si: “Para una Estética de la Liberación desde el Sur-Global”, na qual expôs os princípios de uma Estética da Libertação, até hoje pouco conhecida no Brasil. A estética dusseliana, aqui apresentada de maneira sintética em conferência proferida em espanhol (transcrita por Lorena Fajardo Rivera e traduzida por Maryllu de Oliveira Caixeta ao português), continua e estende o projeto da Filosofia da Libertação, que situa a América Latina em uma temporalidade transmoderna – projeto ético e político de um pluriverso planetário, que verdadeiramente con-sidere a alteridade constitutiva dos povos e das culturas e compreenda a correlação entre *gosto* e *vida* (o “bom viver”, ou o “*vivir sabroso*”, que hoje se nos apresentam como imperativos).

Na sequência, lemos um ensaio seminal de Nora Catelli, “O diário íntimo: uma posição feminina”, em que a gestação de um modelo moderno de domesticidade como efeito dos demônios cristãos descritos por uma Santa Teresa de Ávila marcam a fundo a notação de um cotidiano contra o qual se revoltou o arqueofeminismo em caminho sem volta: “Diários e mulheres”, começa Nora Catelli, “uma dupla marginalidade muito atraente, que deu lugar a inovadoras especulações acerca do problema da definição do gênero. Uma dupla marginalidade carregada, para a crítica feminista, de uma forte carga expressiva: afinal, o diário íntimo de mulher seria, sem

dúvida, o lugar da escrita mais próximo da verdade existencial do *diferente*” – diferença da qual extrai, neste ensaio de 1996, uma posição feminina enquanto “operação simbólica da história da cultura” para além dos binarismos de gênero.

Já, em 1926, o crítico mexicano Pedro Henríquez Ureña enunciava a “imortal utopia” latino-americana em conferência proferida em Buenos Aires – traduzida aqui ao português por Renato B. de Oliveira –, na qual apresenta as “fórmulas do americanismo” literário, cujas ordens e saberes territoriais ilustrados se queriam “novas artes, poesia nova”, de Andrés Bello e Juan María Gutiérrez a Miguel Cané e Gabriela Mistral – poeta chilena cuja contraface *queer* aparece no ensaio de Ximena Briceño acima apresentado. Concluem esta seção Olhares o texto do também chileno Raúl Rodríguez Freire sobre a literatura como *ensamblaje* em Roberto Bolaño e o artigo da dupla Paulo Ricardo Berton e Paulo Ricardo Tomazoni, ambos estudiosos e atores do campo das artes cênicas que abordam o conceito foucaultiano de parresia em uma peça do dramaturgo brasileiro Alexandre Dal Farra.

7

Encerrando a vigésima edição da *Landa* em uma década, apresentamos uma resenha-ensaio de *Heredar Cuba*, livro da pesquisadora argentina Silvana Santucci, que estuda a herança cultural cubana do escritor Severo Sarduy ao se exilar na França no início dos anos 60, através de um trabalho anarquístico e desconstrutivo.

Gostaríamos, pois, de fechar esta apresentação com o convite à leitura, implícito no gesto de escrevê-la apropriando-nos de vozes outras – que criativamente contribuem a dar forma ao presente monstro textual-visual a que chamamos revista –, usando as palavras finais da resenha de *Heredar Cuba* – vale dizer, *heredar Latinoamérica* – assinada por Bruna Freitas e Vinícius Ximenes: “Antes do signo querer se afirmar como intransitivo, há uma ponte – uma pedagogia. Que passa por derrubar a propriedade privada da herança. Talvez possamos ler aí uma ética que nos é contemporânea porque arrisca o futuro no presente, mas que, com ou sem embargos, não pode prometer a infalibilidade”.

A equipe editorial